

José Luciano de Mattos

*UFRJ-História*

*BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.*

Estamos nas cidades para sempre. Estamos condenados à tecnologia, à poluição, à bomba nuclear, à comunicação de massa, à política, a sermos dissolvidos em milhões quando nos divertimos, quando trabalhamos e em outros tantos cotidianos atos. Os paraísos, mesmo os artificiais, são para poucos.

Os ombros suportam o mundo, nós o conquistamos antes de levantar da cama, mas acordamos e ele é opaco, levantamos e ele é alheio. Contudo, o ar das cidades faz os homens livres: como então reconstruir esta verdade? Como perceber nela um sentido, escapar aos temas elegíacos, à celebração crua do poder, às impossibilidades reconfortantes, às drogas mais variadas? Como desenhar uma perspectiva, falar com os homens, falar? Os ombros suportam o mundo: dizer sim.

Ligar os fios que unam nossa experiência histórica, nosso passado e um futuro possível é o projeto deste percurso pelos textos, que, segundo Berman, contém nossa mais autêntica memória, e de seu conviver com sua cidade, aprendendo suas leis, suas faces, suas mensagens, seu futuro.

Começa Berman com o Fausto. Sintetiza ele a tragédia e a glória de nossa civilização material: o desenvolvimento e a transformação contínua de nossos ambientes pelo conhecimento e pela tecnologia, a destruição impiedosa de um mundo e o surgimento de um outro, ambíguo, amplo e cruel. Berman esclarece também um outro ponto. Junto com este novo mundo material, surge um outro tipo de homem, com anseios e necessidades cada vez mais individuais e paradoxalmente mais de-

pendente do resto dos homens e de forças tecnológicas que encerraram, talvez, o riso e segredo de Satã.

A desapareição desse homem antigo e as tarefas impostas ao novo homem são lidas por Berman em Baudelaire e em Marx.

Baudelaire vive em um mundo onde os valores artísticos em geral e a figura do artista em particular vão sofrendo modificações dramáticas dentro das relações capitalistas: trabalhador, pago por sua obra, já não vive em ambientes idílicos ou celebra as emoções puras. Sua cidade se contorce em agitação, conflitos sociais, miséria, reformas que desfiguram uma antiga face. Mas ele não se recusa a ela: é isso o que, segundo Berman, o liga à modernidade. Ao lado dos paraísos artificiais, a vivência urbana moderna encerra também intensas possibilidades estéticas. Angustiadas, caóticas, já inevitáveis e futuras. Ele pôde cantá-las.

Berman havia precedido suas considerações sobre Baudelaire com uma leitura curiosamente estética do "Manifesto Comunista". Dele provém o título do livro. Tudo o que é sólido se desmancha no ar no curso de um desenvolvimento econômico que leva de roldão todas as relações sociais e valores antigos. Destruição e criação, a verdade e o caos, as contradições mais trágicas arrastadas no turbilhão criado pela burguesia industrial e que nos propõe rapidamente a pergunta: O que é nosso? Pelo que lutar? Pergunta rápida, resposta definitiva a cada instante. Moderno: saber aonde vamos todos.

Após o tratamento dado às obras que no Ocidente tentam, em diferentes perspectivas, responder às exigências do mundo moderno, um mundo material que é um sucesso histórico, Berman vai analisar as tensões humanas provocadas por este desenvolvimento em um mundo onde a implantação deste projeto histórico foi problemática e difícil. Onde da cidade à revolução as ambigüidades ficaram mais doloridas, mais claras: "Petersburgo: o modernismo do subdesenvolvimento" é o capítulo onde num peculiar trajeto pela literatura russa desde inícios do séc. XIX ele vai lendo a entrada deste mundo moderno na vida do homem russo, preso a antigos valores, transtornado em meio à nova cidade. Impossível resumir tais leituras.

Se alguma lição ainda há sólida, é que está na descoberta e construção de Petersburgo como aglomerado do homem, como conjunto de homens em revolta, em agonia, em revolução, a lenta união de tempos modernos e o russo, de Dostoiévski a

Lênin e, no anticlímax, a Mandelstan, quando Petersburgo perde seus habitantes mortos em luta, sua condição de capital e, segundo Berman, algo mais, sua lição...

Nesta descoberta da cidade como laço dos homens, de identificação possível, de uma história crível, Berman vai insistir quando trata melancolicamente de sua cidade, das várias transformações arquitetônicas por que passou e a que resistiu, destruída e preservada, sinal de mudança e ruína. Dar conta igualmente das análises referentes às concepções urbanísticas que orientaram as mudanças do espaço, em poucas linhas, seria pretensioso: é quase um chamado a que recuperemos o que começou a ser nosso:

*“... O processo de modernização, ao mesmo tempo em que nos explora e nos atormenta, nos impele a apreender e a enfrentar o mundo que a modernização constrói e a lutar por torná-lo nosso mundo. Creio que nós e aqueles que virão depois de nós continuarão lutando para fazer com que nos sintamos em casa neste mundo, mesmo que os lares que construímos, a rua moderna, o espírito moderno continuem a desmanchar no ar...”*